



Gaiato



Quinzenário • 21 de Março de 1992 • Ano XLIX — N.º 1253 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

Mais uma casa

MAIS uma casa de pé, por obra e graça das forças vivas da paróquia. Sem outro capital, a não ser os filhos e uma vida honrada, mais a invalidez do chefe de família, a construção faz-se.

Os familiares ajudam a levantar as paredes; a freguesia dá as madeiras; os filhos põem a sua arte. Não falta a planta da casa que é airosa e tem a sua beleza. Mais rica, porém, porque esconde o grande tesouro duma comunidade paroquial que mostra a sua fé no dar a mão para que uma família salte do tugúrio para uma habitação digna.

As vicentinas têm um lugar que ninguém lhes rouba em obras como esta. Não esperam passivamente pelos meios necessários. Saem à rua, batem as portas, sacodem as consciências, apresentam-se como pobres que o são, insistem, perseveram, rezam... e a obra nasce, cresce e fica pronta.

O caminho fica aberto para outras façanhas. Conta a experiência de quem pede e de quem dá. Difícilmente se resiste ao testemunho duma obra que é fruto do trabalho de muitos.

«Uma ajuda para o telhado é o que nós pedimos, que a casa tem as paredes prontas para receber brevemente a primeira placa» — assim se dirigiram ao Fundo do Património dos Pobres. Tudo tão simples e tão claro que o telhado estará lá na hora precisa. A Obra da Rua quer andar com quem anda. Se muitas vezes não está presente é porque há desequilíbrios que não podem nem devem ser alimentados.

O princípio — «Cada paróquia cuide dos seus Pobres» — em nada diminui a responsabilidade que o

Continua na página 4

As cinzas

As cinzas. Cá em Casa também as tivemos. Aliás, nós somos do pó, da cinza. Andamos afeiçoados a ela por abrigarmos debaixo das nossas telhas o que em muitos lares ardeu: o amor.

Foi por isso que com cinza nos aspergimos. Pagamos por nós e assumimos culpas alheias. Assim o mistério imprescrutável da morte redentora de Jesus. Foi por nossa causa, diz o Apóstolo, aludindo à incomensurável medida do amor divino; nunca compreendida, nem suficientemente amada.

A Igreja não tem outro caminho quaresmal. Este foi o do Seu Mestre. Ele pagou por nós; nós, uns pelos outros: a caridade em acção. O resto é a especulação. Páscoa quer dizer reconciliação universal, cósmica — dos homens uns com os outros e com a Criação. Quaresma quer dizer repugnância ao individualismo, ao particularismo, sobretudo se, equívocamente, alimentam a fé, distorcendo-a.

Quaresma é tempo de reconhecer culpas próprias e assumir pelos Outros. Trata-se do aprofundamento da verdadeira caridade e não de ascese moralizante. O que está em causa é a conversão do coração à partilha, à cari-

PARTILHA

dade: valorizar pelos que des prezam; crer pelos que escarnecem; amar pelos que odeiam.

Nós fizemos celebração deste mistério; celebração viva a partir da nossa imersão num mundo marcado pela injustiça, pelo pecado. Cada Casa do Gaiato é um expoente gritante de tantas quaresmas de calendário, de tradição. Mas é também manifestação jubilosa de outras, animadas pelo espírito pascal do Ressuscitado. Por isso, não silenciámos a

voz do profeta: «Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes».

Pela coxia acima, vinham pequenos e grandes. O convite à conversão é para todos: «Arrependei-vos, o Reino de Deus está próximo». Como gostei de ver a compostura dos mais pequeninos...! Edificante, e ar feliz, tal como a resposta ao apelo Quaresmal. Enquanto as cinzas caíam sobre as suas cabeças inocentes, como eu desejei ver recebê-las publicamente, à maneira dos primeiros tem-

pos da Igreja, aqueles que tão facilmente abandonam o lar ou indirectamente o destroem...!

É preciso haver quem pague; quem ajude a redimir, continuando a Missão de Jesus. Ser cristão é isso mesmo; e a Quaresma, uma resposta qualificada a essa missão: pagar pelos Outros; oferecer-se pelos Outros; apresentar-se como Jesus: disponível.

Histórias de arrepiar!

Quando o Vinagre esteve doente conversei com ele. As suas respostas monossilábicas deram conta de como a mãe o tinha abandonado. Histó-

Continua na página 4

Malanje

O menino do polegar verde

O menino do polegar verde pôs o dedinho nas juntas dos canhões e quando rebentou a guerra entre a sua cidade e a inimiga (a quem o pai também fornecia armas), os canhões dispararam flores. Bonito de se ver, uma chuva de flores nos dois campos!!!

Quem mais se zangou foi o pai do menino, dono da fábrica do armamento.

Assim, em toda a parte: os donos do mundo, obsecados pelo dinheiro e pelo poder, não olham as vítimas inocentes das guerras; como, depois, se remordem ao olharem os campos de flores.

Plantemos uma flor num coração ressequido

COM as flores veio a lembrança da cidade africana de Malanje em 1971: O presidente do município mandou lavrar tudo o que era canto na periferia e dentro da cidade. Lançaram sementes. Sorrisos... «Qual a ideia deste?» Saíram flores! Canteiros de flores a perfumarem o ar e a darem encanto aos olhos!

Mais sorrisos... Mas desta vez sem ironia, abertos e vistosos como o abrir gracioso das dalias e begónias.

Valeu a pena. Se valeu! Cantos de sujidade virados em canteiros de flores!

Mas as ratazanas da incúria e do tempo roeram os canteiros. São rua pisada!

Os canos de esgoto extravasaram. As persianas enegreceram.

Como este sonho de flores?! Insisto: Um polegar verde que fizesse brotar glicínias e lírios das poças fétidas e das longas estrumeiras de lixo...

Não sonhemos, somente. Plantemos, pelo menos, uma flor num coração ressequido. Canteiros do coração!

Real tesouro

MAIS que o ter coisas e dinheiro, o homem precisa de converter o seu coração ao bem, à beleza, ao respeito pelo Outro, pela natureza e pelos animais.

Bem no fundo do coração de todo o homem está sempre o cantinho bom. Pode estar adormecido por circunstâncias adversas. Vamos bater à porta com gestos bondosos de amor.

Muitas vezes nos perdemos de volta do banal e accidental e passamos ao lado do verdadeiramente importante — a pessoa humana.

Sempre, latente, nas instituições e Igrejas a tentação e o perigo de girarem à volta de si próprias, passando ao lado — sem o verem — do real tesouro.

Continuamos em paz

CONTINUAMOS em paz e em constante azáfama: Quim, agarrado às portas, nem ouve os pássaros. Júlio da Silva, no cimo dos postes, nem dá por nós. D. Guiomar, ao lado do pintor, pinta janelas. Joãozinho — o chefe — na plantação de batata doce. «Fisga» e Manuel, que eram dos mais pequenos quando deixámos a casa, são os guardas nocturnos. T'Joaquim, já com 4 lindos filhos, ajuda o Júlio da Silva nas montagens eléctricas.

Vários amigos pediram a nossa direcção: Casa do Gaiato — Caixa Postal 192 — MALANJE — ANGOLA.

Padre Telmo



O fotógrafo, indiscreto, apanhou o Carlitos em momento de reflexão

Conferência de Paço de Sousa

UM CASO — Habitava num galinheiro. Os desaires da vida, tudo o mais que guardamos no coração, enfraqueceram o homem. Acudimos à sua saúde, à alimentação; e, na medida do possível, erguemos-lhe um modesto apartamento por sobre o barraco, destruído após a cobertura da obra nova que fica muito jeitosa.

O homem foi melhorando. Agora, porém, que iria gozar um quarto digno (está nos acabamentos), fugiu prò sul sem dar cavaco!

Não fosse a nossa tarimba, ficaríamos mais que desolados. No entanto, a resposta que deixou, resulta, e só, do seu louvável desejo de promoção social, do seu temperamento (envergonhado) e dos traumas que a miséria amontoou em sua alma.

Enfim, como se sentiu com forças para trabalhar, Deus permita que os ares meridionais lhe sejam benfazejos em todo o sentido.

PARTILHA — «Uma assinante de Paço de Arcos» com a perseverante partilha de Novembro a Janeiro do ano em curso. O costume, de Santa Cruz do Douro. «Pequena oferta», de S. Cosme (Gondomar). Cheque da assinante 9811 (são duas: Firmina e Maria Lucília). Outro, da assinante 21319, de Guimarães, «em sufrágio da alma de minha querida mãe». Deus escutou!

A remessa, habitual, de Baguim do Monte. Idem, da «Avó de Sintra». Idem, do assinante 11902, do Fundão. Presença do assinante 9790, de Oliveira do Douro, com «pequenina ajuda em cheque» e uma oração «por todos os nossos irmãos que sofrem os horrores da fome e da guerra». Doze contos pela mão da assinante 9950, do Porto. Sobras, da assinatura d'O GAIATO, enviadas pela viúva do assinante 17381, de Coimbra. Vale de correio, de Queluz. A presença, amiga, da assinante 31104 e «rezem por mim, porque me sinto doente e só». Tenha coragem! Deus está connosco.

Cheque do assinante 32763, de Mortágua, «pequeno contributo enviado com alegria». Alegria cristã! Outro, da assinante 4514, de Damaia, «agradecendo ao Senhor uma grande graça que concedeu à minha filha». Amor de Mãe endossado à Providência divina — aos Pobres! Mais uma parcela, dum cheque da assinante 49647, de Lisboa, com «votos de santa Páscoa». Retribuímos na mesma proporção. Outra, ainda, da Covilhã: as notícias dos Pobres «desejaria lê-las com um coração verdadeiramente cristão». Assim faz!

Em nome dos Pobres, da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

GADO — As vacas estão boas. Duas deram à luz dois vitelos muito bonitos. Esperamos que tudo continue bem. Os nossos cabritos também já conseguem apoiar-se sozinhos. As galinhas estão a dar muitos ovos e todos gostamos muito deles.

VISITAS — Veio cá um grupo de amigos, de Coimbra, e fizeram uma festa com a malta. Ensinarão jogos e canções. Os rapazes também cantaram algumas canções, que sabiam. Foi um convívio feliz. A malta gostou da festa!

PODA — Começou a poda das videiras. Os podadores andam muito atarefados com o trabalho, mas dão bem conta do serviço. A vinha está quase pronta, só falta praticamente um bardo. Esperamos que acabem bem o serviço e, depois, tratem também das árvores de fruto.

OBRAS — O nosso tractor grande não parou a transportar tijolos e pavimentos para um piso da casa-mãe. Os pedreiros e ajudantes andam com muita velocidade para que as obras fiquem prontas, boas e bonitas. É o que nós queremos.

Frederico

TOJAL

VACARIA — Os vaqueiros, agora, têm a vida um pouco mais facilitada: já não precisam de se deslocar até ao posto para levarem o leite. Foi instalado um tanque dentro da vacaria. Sempre é mais prático!

CAMPO — Durante as férias haverá pessoal para ajudar a semear batata. O terreno é grande. Por isso, uma só pessoa não faria o serviço depressa. Esperamos uma boa colheita.

LARANJEIRAS — Estão a precisar de poda. Têm muitos ramos secos, o que contribui para que não tenha havido muita laranja.

VISITAS — Acampou, em nossa Casa, um grupo de escuteiros. À noite reunimo-nos com eles no pavilhão para partilharmos no fogo do conselho. Foi bonito! Na manhã de domingo realizámos um jogo e ganhámos o prémio. Voltem mais vezes!

OBRAS — O ano passado começámos a construção duma garagem para utensílios agrícolas. Depois, parámos a obra, esperando um pedreiro. Já temos um, com serventia dada por três rapazes nossos. Está a ficar uma boa obra!

Luís Miguel Fontes

PAÇO DE SOUSA

CARNAVAL — O dia do Entrudo (Carnaval) é feriado nacional. Dia de descanso e divertimento.

Em nossa Aldeia trabalhámos durante a manhã. A tarde foi curta para desfilarmos o carnaval à nossa maneira. Esperamos um feriado completo no próximo ano.

AGRICULTURA — Os agricultores andam a semear batata. Os terrenos já estavam preparados para a sementeira. E Deus permita que seja abundante.

Paulo Alexandre («Rambo»)

COMO VAI O NOSSO FUTEBOL — Continuamos a obter bons resultados.

Em 23 de Fevereiro, defrontámos uma equipa de Penafiel, que desejou fazer a sua estreia connosco. A nossa, desfalcada, não deu mostras de querer perder. Mostrou o trabalho que tem feito nos treinos. Jogo muito bem disputado, no decorrer do tempo, e muito competitivo. Incluímos alguns jogadores que nunca haviam jogado na formação principal. Na primeira parte já vencíamos por 3-1. Na segunda, as coisas tornaram-se muito fáceis. Resultado final: 8-3, a nosso favor.

Dois jogadores estiveram em evidência no jogo: o Paulo Virgílio, que marcou três golos; e o Lando não deixou passar nada, está a subir de forma.

DESABAFO — Na nossa equipa há alguns que se acham «vedetas». Por isso, não querem ir aos treinos. O técnico (que na altura era o Lupricínio) resolveu ocupar o lugar das «vedetas», na equipa, com alguns miúdos. Não é preciso dizer mais nada...

Só agora as «vedetas» abriram os olhos, porque não querem perder o lugar.

Ninguém é «vedeta». Quem trabalha tem direito de mostrar o seu valor.

Repórter x

Deixem-me passar

*Firme e acreditado
Não me canso de caminhar
Sou um bravo soldado
Sem ódio nem espingarda
Em busca da paz desejada.*

Deixem-me passar.

*A minha febre
Trespasa montes e campos verdes.
Não a quero recordar.
Encorajam-me as aves
Que cantam em ramos de árvores!*

Deixem-me passar.

*Estou verdadeiramente feliz
Caminho sem rumo e à sorte...
Para a surpreendente morte?
Não sei. Antes de morrer
Ainda tenho muito que amar!
E amar é viver!*

Deixem-me passar.

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Começamos por anunciar a saída do nosso muito amigo vicentino Dr. Gilberto, a quem estimamos muito e a quem dizemos que as nossas portas continuam abertas. Ao mesmo tempo desejar-lhe bons frutos na missão a que foi chamado pelo Senhor: ajudar um grupo de velhinhos com um grupo de amigos. Deus os guie e nunca lhes falte com a sua mensagem de caridade e amor pelos mais pobres.

Ficámos com as velhinhas do Dr. Gilberto com muito alegria, porque entramos vazios e saímos cheios de força e coragem interior.

Quantas vezes pedimos a Deus nos dê jeito, a queda e o dom de visitar os Pobres. São eles a riqueza da existência da nossa Conferência. É neste espírito que vamos por aí acima fazer a nossa visita. Em vez de irmos levar uma palavra de conforto, por vezes trazemos um coração cheio de alegria, porque a nossa visita é como um estimulante para continuarmos a nossa caminhada.

Voltamos à D. Dália. É uma velhinha com um ar muito pitoresco. Tem 82 anos. Deficiente motora. Mas de uma juventude e alegria que faz ver a muita juventude de bilhete de identidade. Para ela os anos não contam! De uma grande fé em Deus e com uma força enorme, ajuda a outra que com ela habita.

Só visto! Tem sempre uma história para contar. Mas como temos mais pobres a visitar, não podemos estar todo o tempo que gostaríamos a ouvir a sua juventude.

DONATIVOS — Da nossa amiga M. Bernardette, 20.000\$; Conferência Feminina de S. Cosme, 5.000\$, à qual agradecemos e enviamos um forte abraço e Deus nunca vos abandone e dê sempre o dom de serem vicentinos. De uma Amiga, cheque de 3.000\$00; Anónimo, 3.000\$00; Amiga, do Lindo Vale, 1.000\$00; mais roupas, incluindo carapins. Agradecemos o seu trabalho para os mais desfavorecidos.

Morada da nossa Conferência de S. Francisco de Assis: Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Casal vicentino

Cooperativa de Habitação

A constituição da Cooperativa, talvez devido ao objectivo que a caracteriza, tem mexido com o

coração de muitas pessoas, principalmente do sector feminino.

A extraordinária sensibilidade da mulher para situações em que a solidariedade humana se torna necessária, é constantemente posta à prova neste projecto. Não andaremos longe da verdade se dissermos que 90% da correspondência e donativos chegados, são de origem feminina.

Recentemente, mais uma vez, tivemos a confirmação. Veio até nós uma senhora que, cheia de ternura e olhos a transmitir felicidade, entregou um donativo dizendo: «É para ajuda da construção de casas para os meus queridos gaiatos».

Grande lição de carinho e amor desta senhora que, sendo viúva e não tendo filhos, viu nos seus «queridos gaiatos» os filhos que pretende ajudar.

Nem só a ajuda material nos leva a dar graças a Deus. Também o valor espiritual que outras pessoas nos transmitem, é razão mais que suficiente para agradecermos.

Que Deus lhe pague.

Campanha do selo usado — Do Manuel dos Santos recebemos vária correspondência de leitores amigos que remeteram selos.

Começamos por uma carta de Alice Luz, vinda de Benguela: «Tendo lido no melhor jornal do mundo, O GAIATO, a campanha de selos usados para a Cooperativa de Habitação, envio alguns que pertenceram às minhas queridas irmãs Luísa e Bárbara Manuela da Luz, em memória delas. A primeira foi responsável pela instrução de centenas de gaiatos, da Casa de Benguela, durante muitos anos».

Mais selos enviados por J. Espinheira, Santarém; Maria do Carmo, Lisboa; Maria Idália, Lisboa; M. Cochofel, Coimbra; e Maria Ramos, Algés.

A todos os amigos, os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves

Cantinho das Senhoras

Nobre missão

O nosso grupinho coral, encarregado da animação litúrgica da Missa dominical, gosta muito do cântico de acção de graças, onde está inserida esta quadra:

«Meu canto fala de paz
Num mundo feito de guerra.
Eu quero levar, Senhor,
Teu nome a toda a terra.»

Tem razão! Pois levar o Nome do Senhor, não será missão tão nobre, sublime, consoladora, não só indo por esse mundo fora? Se prestarmos atenção, mesmo do cantinho onde o Senhor nos colocou, também podemos levar o Seu Nome a toda a terra. Basta amá-lo e aos Irmãos. Se cumprirmos, estaremos atentos e, portanto, disponíveis. Já alguém definiu: «Disponibilidade é estar atento, inclinado para...»

Geralmente é nos mais humildes, mais simples e ocupados, que encontramos mais disponibilidade.

E, assim, vemos o nosso Quim Carpinteiro, o nosso Júlio da Silva, criados nesta Casa desde pequeninos, atentos, disponíveis, deixando embora temporariamente o conforto do lar e dos seus, foram ajudar o Padre Telmo a reconstruir a Casa do Gaiato de Malanje — para que ele possa anunciar aos Pobres de Angola o Nome do Senhor. E, também, D. Guiomar que tão generosamente lá dá o seu precioso contributo.

Tudo é levar o Nome de Deus a toda a terra!

Virgínia (de Paço de Sousa)

SETÚBAL

Toda a luz tem amor!

Vós sois a luz do mundo! Nunca como hoje, foi necessário que a luz brilhasse nas trevas. Nunca! O mundo actual cegou-se com o dinheiro e a técnica e perdeu o caminho do amor! Os olhos não vêem o Pobre, caído na sua miséria viva e desumana, sem capacidade para sair dela!

Chegaram-me cartas de gente instalada, ia a dizer religiosamente instalada, a corrigir o sentido da Palavra Viva. Como se o meu ângulo de visão fosse idêntico! Toda a luz tem amor!

Por mais palavras, mais escritos, mais semanas sociais, mais jornadas, mais tudo — sem amor não há luz.

A Palavra Eterna é sempre clara e direita, tanto nos profetas como nos evangelistas e apóstolos.

Ora leiam S. João na sua primeira carta 3, 17-18: «Se alguém possui bens deste

mundo e, ao ver seu irmão passar necessidade, lhe fecha o coração, como pode estar nele o amor de Deus? — Meus filhos: não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade».

Cartas

Foram alguns, os leitores que ouviram o grito do pobre Stromex e vieram pressurosos e doridos ao seu encontro. Como o amor gera amor e se veste de luz, eis o Porto: «Aqui me tem a responder com 20 contos pedindo a caridade de me lembrar diante de Deus».

Lisboa: «Envio esse cheque para o que entender, claro, mas o que me leva a fazê-lo é a injustiça que brada aos céus! E valha-me Deus que já devia ter escrito há mais tempo».

S. João da Madeira. Alguém que diz não merecer qualquer agradecimento: «Ao

ler o nosso jornal tocou-me profundamente o artigo do Padre Acílio. Para de algum modo minimizar a dor desse irmão que vive num curral imundo junto um cheque de 250.000\$00.

A assinante 14954, de Sesimbra, manifesta assim a sua comunhão: «Gosto de ler O GAIATO do princípio ao fim. Neste, de 22/2, li a notícia sobre o Stromex, da maneira como vivem e não só eles infelizmente. Que Deus toque no coração dos governantes e de muitos corações. Amanhã, dia 25, faz 16 anos que o meu marido faleceu. Então faço este sacrifício pela sua alminha enviando 10.000\$ para a compra da casa».

De Fiães, a pedir que não agradeçam e mantenham o anonimato, alguém manda dez contos e diz: «Infelizmente o caso do Stromex não é o único e, por isso, não podemos ficar indiferentes e cruzar os braços. Se todos ajudarem, não custa».

Sabedoria de quem partilha! O assinante 39190, alto funcionário da Caixa Geral de Depósitos, manda 10.000\$.

De Lisboa, a Maria Ana expressa os seus sentimentos e manda 50 contos: «Acabo de ler no nosso O GAIATO que hoje recebi, o caso do nosso irmão Stromex. Fez-me muita pena; não sei como é que podemos viver, sabendo o que se passa com tantos irmãos nossos!» O sublinhado é seu. E continua: «Acho que todos podíamos fazer muito mais, mas é tão fácil deixarmo-nos embalar pelo dia-a-dia e pensar que os

outros vão dar resposta!»

De Oeiras, outra carta com cem contos: «Há vários anos que sou assinante d'O GAIATO mas cometo frequentemente o pecado de não o ler. Esta é a minha confissão à qual junto um sincero propósito de emenda. Para que possa obter de Deus o perdão para todos os pecados de omissão — e não só — impus a mim mesma a penitência que gostosamente cumpro: vai um cheque de 100.000\$00 para a compra da casa destinada ao Stromex. Que o Senhor o abençoe pelas palavras escritas em O GAIATO que me fizeram reencontrar um pouco comigo mesma».

De Aradas, Aveiro, o assinante 47595 com 20 contos: «Que tudo Deus lhe dê de bom como nos dá nos seus escritos. Que Deus lhe dê força e a coragem não lhe falte para resolver o grave problema da Habitação. Não temos dúvida que ela é um bom negócio dos bancos e da C. G. Depósitos, pois se não pagarem, a casa é sempre deles. No sistema como está, pagamos quatro ou cinco vezes o valor dela e não há direito disso».

De Faro, outra assinante com 50 contos. «Fiquei chocada e triste com a situação do Stromex e sua companhia. Gostava de ajudar com mais, mas também sou pobre e vivo da minha reforma!»

Eis a Boa Nova de Jesus, viva no coração desta senhora!

De Olhão, no mesmo estilo, 8 contos. De Lisboa, mil escudos, do Artur: «Perdoem ser tão pouco para quem tanto merece». De Eiró, Seia, vale de 5 contos. De Valado de Frades, Nazaré, 2 contos. A Maria Guadalupe, de Lisboa, com cartão amigo, envia 50 contos. A Madalena, por

Tribuna de Coimbra

África

Quando estas notas chegarem aos vossos olhos e ao vosso coração já eu andarei pelas

alma de sua irmã, manda trinta. A Margarida, com cinquenta contos, endereça recado: «Não percam tempo a agradecer. Pelo extrato do banco vejo que o cheque foi recebido». De Guimarães, a Maria Angélica 5.000\$00 e a assinante 30099 com 50 contos. Um sacerdote, de Tomar, abraça-nos em Cristo com quinze contos. Outro, de Fátima, que já repartiu da sua Congregação, encoraja-me: «Sei também que a tua frontalidade te trouxe alguns sabores. Não te importes; continua a gritar, pois eles não têm voz nem vez. É evidente (para quem não tem o coração pervertido!) e está de acordo com os princípios mais elementares da doutrina social da Igreja: O capital deve ter como primeiro destino o homem... e não o próprio capital».

O correio, de hoje, Quarta-Feira de Cinzas, trouxe mais cartas e mais vales que ainda não abri e de que darei contas no próximo número.

Ia a dizer que estes são os peregrinos dos Pobres! Naturalmente que os seus atractivos não se dirigem aos grandes santuários nem à Terra Santa. Ele há tanta gente a peregrinar religiosamente e tão pouca a pisar o terreno sagrado dos Pobres com obras e em verdade!

Padre Acílio

igrejas da cidade a desabafar com os fiéis presentes que me não de ouvir.

O nosso Padre José Maria acompanhou o corpo do Jaimito de Moçambique até Paço de Sousa e depois até ao cemitério. O Jaimito foi do Padre José Maria desde os dois anos até à morte. Dois bons companheiros em trinta e dois anos de vida.

Aproveitámos a presença de Padre José Maria e ele contou-nos um pouco da vida em Moçambique, sobretudo da grande maioria de moçambicanos: vida de fome, de sede, de insegurança, de desrespeito, de desordem, de desesperança. A guerra!

Os milhares de mutilados à espera que alguém lhes dê a mão. A multidão de crianças que perderam os pais, ou foram abandonados por eles, à procura de família que os receba. O número sem conta de jovens e crianças já viciadas na droga e na prostituição. Muitas raparigas com os filhos sem pai.

A injustiça na distribuição de bens naturais daquela terra ou de alimentos oferecidos por povos estrangeiros. A grande parte só chega aos poderosos e seus amigos. Os interesses de cada um atropelam os dos mais necessitados.

Estivemos horas seguidas a ouvir o Padre José Maria e, no fim, agradecemos a luz que nos veio trazer. «Deus te dê muita coragem» — foi a nossa despedida.

Pobres

No domingo passado, depois da Eucaristia, peguei na Peugeot e fui serra acima até quase ao alto. Vive numa daquelas aldeias uma família que nos tem merecido ajuda.

Chegámos à hora do almoço. A mãe estava doente na cama. O pai comia sozinho a um canto da mesa imunda. Cinco filhos andavam à volta da casa, tendo dois já comido. Os outros dois apareceram e cada um comeu em seu canto.

Entrei e fiquei à porta à olhar todo aquele panorama. No chão, as duas panelas muito amolgadas e todo o resto não se descreve. Uma das filhas está de bebé e não sabe dizer quem é o pai. «Foram rapazes que andaram comigo» — é só o que sabe dizer. Mais um que vai nascer sem pai!

Fiquei ali muito tempo a olhar para aquela família. O pai e mãe, mentalmente deficientes, mas bons trabalhadores, aceitaram os sete filhos que Deus lhes deu e têm procurado criá-los sem grande fome. Eles também são todos bastante deficientes. Recordo ainda bem o lugar miserável onde foram gerados, nasceram e foram criados. Só há pouco têm uma casinha humana.

Esta família tem sido ajudada, mas também explorada. Agora, aparece a exploração da dignidade das filhas que não são capazes de se defender!

Regressei a casa muito triste.

Padre Horácio

Moçambique

Atentos aos sinais e fiéis no serviço

TANTO para noticiar aos nossos Leitores! A amargura da morte do Jaime tira-me a energia. E o desconforto das incertezas que vamos suportando, por amor do nosso trabalho, tira-nos o alento!

Companheiras do nosso trabalho, três missionárias, aqui bem perto, sofreram um ataque. Uma carbonizada, as outras em perigo de vida. Padre João, lá do Norte, sofreu emboscada e está ferido num acampamento da guerrilha. Os seus companheiros foram mortos. A Igreja em Moçambique, tão pobre de si mesma, chora a morte dos que vêm de longe evangelizar o bem e a paz! São grãos de trigo da seara do Senhor, lançados no «sulco» para que dêem fruto em abundância. Neste hora de esperança, de tanto que fazer para aliviar um pouco os sofrimentos do povo, Deus retira das fileiras da frente alguns dos mais ousados e confiantes. Os desígnios de Deus são insondáveis e isso nos mantém atentos aos sinais e fiéis no serviço.

A nossa Casa está cheia de vida!

A nossa Casa está cheia de vida! A mudança fez barulhar tudo e a falta de água e luz atrapalha um pouco. Não há momento como este da noite, cerca das dez horas, em que reina o silêncio. Os barulhos estranhos vêm dos bichinhos atraídos pela luz do candeeiro. Entretanto, daqui a pouco, há-de haver algum que grita porque caiu abaixo da cama. Outro que sonha alto, talvez perseguido pelos temores da rua que deixou há pouco. Os três pequeninos que demoram a adormecer, estão nos seus berços, cansados de falar e brincar.

Todos de estômago bem cheio, com a sopa saborosa que comemos, com o corpo lavado, já ao lusco-fusco, a balde de água, repousam santamente.

Às seis da manhã recomeça a vida e o barulho. Este recomeçar uma nova Casa está dentro de mim acordando ecos da primeira hora com os Gaiatos do Tojal, na Colónia de Férias da Ericeira. Já lá vão trinta e quatro anos. Mas aqui não temos barulho do mar, nem picadas de formigas. Temos o silêncio respeitador da noite e baratas que invadem a casa por todos os lados, a toda a hora voando e poisando em cima da gente. Não temos o coração jovem de então, mas uma dimensão interior bem maior, para aceitar tudo e caminhar como se este fosse o melhor dos mundos.

Os anseios que trazemos no coração vão ganhando forma atravessando as almas, ganhando dimensões exteriores a nós mesmo.

Padre José Maria

Escutei

Numa rua da nossa cidade, fui abordado por duas testemunhas de Jeová. Depois do cumprimento delicado e sorridente veio o despejar de um discurso bem sabido: «Vimos falar-lhe de um reino que virá muito em breve substituir todos os reinos e governos deste mundo. Vem escrito na Bíblia». Começa de seguida a enumeração de todos os males, anúncio da batalha dos últimos dias. Finalmente, a varinha mágica: a chegada do Rei resolverá tudo...

Fui escutando e fui confrontando a experiência do povo da Bíblia, a experiência de Jesus que nos é contada no Evangelho, a experiência da História da Igreja e também a minha experiência pessoal. Nada dava certo com aquele anúncio.

Fuga à realidade

Naturalmente que todos nós, confrontados com os problemas do dia-a-dia, sobretudo o sofrimento, a degradação da dignidade da pessoa humana, a injustiça, somos tentados pela fuga à realidade. Nessas alturas fazemos apelo àquilo que em nós funciona como mais infantil e também mais utópico: apelamos à resolução dos

ENCONTROS

EM LISBOA

problemas pelo recurso a uma espécie de varinha mágica, ou à intervenção de uma fada, tenha ela a forma de anjo, de santo ou de Deus. O importante é poderemos fechar os olhos e passar adiante sem enfrentarmos a realidade. Há uma outra maneira de fugirmos, é pensarmos e agirmos como se isso não nos dissesse respeito. Envolvemo-nos então em formas de piedade muito quentes e místicas em que o compromisso pessoal ou comunitário esteja afastado.

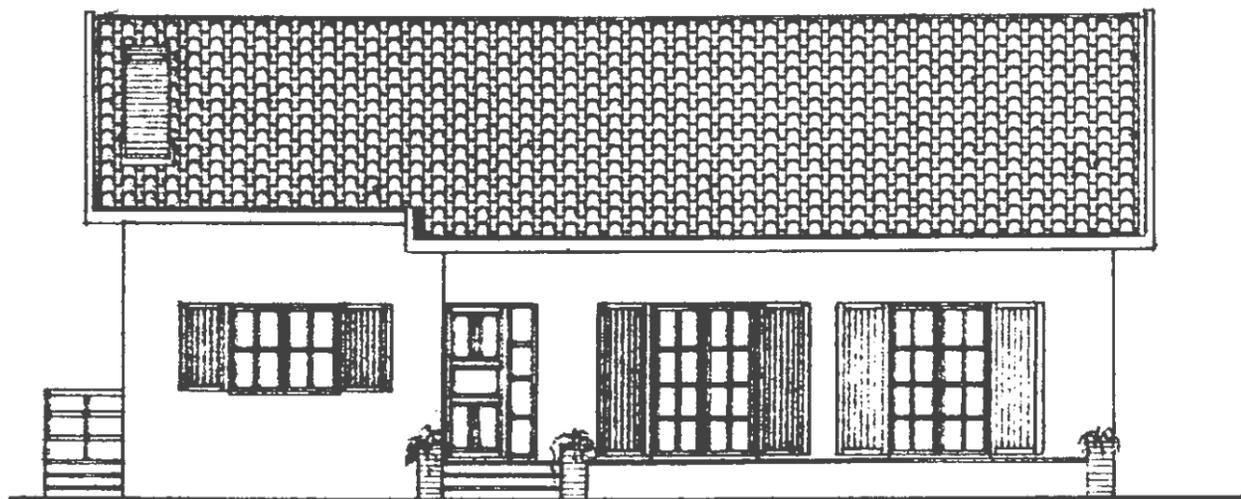
Acontece que a experiência bíblica ao mostrar-nos um Deus misturado com a sorte dos homens não O apresenta a resolver magicamente as situações. Partindo da liberdade humana apela à sua capacidade de enfrentar os problemas. Assim, enfrenta-se a escravatura empreendendo o caminho da libertação; enfrenta-se a ordem estabelecida, podre de injustiça, e os profetas apelam à fraternidade e à solidariedade; enfrenta-se o exílio e a perseguição numa transformação dos laços que verdadei-

ramente ligam as pessoas. Jesus não foge a este enfrentamento dos problemas: a verdade, a justiça, a fraternidade e o perdão dominam o seu discurso e a sua acção mesmo que para isso tenha que se haver com os poderes quer religiosos, quer políticos, quer económicos ou culturais. Finalmente deixa-nos o discurso do julgamento: tive fome, tive sede, estava nu, estava preso...

Caminhada

Neste momento, toda a Igreja inicia a sua caminhada quaresmal. A nossa condição de baptizados convidamos a mergulhar a nossa vida na vida de Jesus. Muitas vezes desvirtuamos este tempo pedindo apenas mais uns cobres de partilha, mas nada que toque a vida, a sensibilidade, o dar-se, o entregar-se à causa do homem. Mergulhar em Jesus Cristo e assumir a causa de Deus passa pelo dom da vida à vida que temos e não podemos desperdiçar à espera de varinhas mágicas ou de que outros nos resolvam os problemas.

Padre Manuel Cristóvão



A planta da casa é airosa e tem a sua beleza!

Continuação da página 1

Património dos Pobres assume em ajudar os Autoconstrutores. Cada um tem o seu lugar: a paróquia o seu que não deve enjeitar. Quando não pode mais, estende a mão que outra mão encontrará. Esta é a pedagogia que constrói pessoas, comunidades e casas também.

É admirável a perseverança de muitos Autoconstrutores. Começaram a construir a sua casa há vários anos. Gastaram tudo o que tinham.

AUTOCONSTRUÇÃO

A perseverança de muitos Autoconstrutores

Meteram-se lá dentro com a obra por acabar, na esperança de dias melhores. Vão tirando todos os meses um bocadinho do salário. Se houvesse na comunidade um fundo paroquial onde estes heróis fossem buscar outro bocadinho para juntar ao seu,

quantas dores desapareceriam e a paróquia seria mais família!

Como estamos longe da fonte! Faltam sinais que falem da resposta a dar aos grandes problemas das pessoas, entre os quais o da Habitação ocupa lugar cimeiro.

As casas levantadas com a participação da paróquia são o sinal numa Igreja viva que se interessa com as aflições maiores dos seus membros.

Quem dera que o grão de mostarda fosse semeado num fundo social de cada paróquia. Quase sem se dar por ele, adubado com pequeninos gestos de verdadeira devoção, crescerá a ponto de ajudar ao abrigo digno de famílias que, sozinhas, não são capazes de o terem.

Padre Manuel António

AGORA

Silêncio notado

Há muito não sai esta coluna e por uma razão da nossa vida doméstica. Costumamos guardar as mensagens que chegam com este destino num saquinho ao lado do telefone, em mesa muito congestionada por listas telefónicas e muito papel que ali aguarda a vez de ser despachado. Uma grande desarrumação! Ora o dito saco desapareceu. Conjecturamos que o «Pedroca», nosso faxina ao escritório, em uma das suas operações de limpeza, ou porque o saquinho tivesse caído ao chão ou porque o confundiu com papelada para o cesto dela, o terá levado para o cemitério do papel velho de onde não há ressurreição possível. Daí este silêncio prolongado.

Silêncio notado, aliás, por quem acampanha o *Famoso* da primeira à última linha, como esta Amiga que assim se exprime: «Tenho continuado a ler regularmente O GAIATO e devo dizer que, se gosto de África, onde passei uma parte deliciosa da minha infância, e se respeito infinitamente o esforço de Padre José Maria e do Padre Telmo, tenho, por outro lado, receio de ver um pouco abandonado o 'cada frequência eude dos seus Pobres'. Naturalmente não se pode dedicar uma página suplementar d'O GAIATO a

África, mas vão desaparecendo outras rubricas de cá — e isso não se vai reflectir na vida da Obra em Portugal?»

Zelo dos nossos Leitores

Quanto apreciamos — e agradecemos a Deus! — este zelo dos nossos Leitores,

Partilha

Continuação da página 1

rias de arrear! Disse de como tinha ido parar ao Bairro Social de S. José, no Rossio ao Sul do Tejo. Recordou-se, de olhos iluminados, do modo carinhoso como alguém o acolheu durante semanas e lhe matou a fome até poder: a senhora Lurdes. Ele chama-lhe: «a minha família». Fui lá buscá-lo a pedido de um Pároco vizinho. Quando o trouxe: um mundo de gente preocupada! Era a Assistente Social e até o senhor Delegado do Ministério Público lá estava. Muita gente se comprometeu em vir a saber dele e acompanhar. Por nós não seria preciso que nos bastamos. Mas, era tão lindo que a Comunidade procurasse saber do seu tesouro mais querido: os seus Pobres. Ninguém. Só a senhora Lurdes.

demonstrativo de como comungam a nossa vida e trabalhos!: «Eu sei que a vossa tarefa é grande e pesada, mais ainda que a Obra da Rua cresceu, com as suas inevitáveis crises internas de crescimento. É mais difícil... e são poucos...!» Mas não, a Obra por cá não pára. E se o jornal,

Como eu gosto de ouvir o Vinagre dizer dela: «Esteve cá a minha família...».

Quem paga por ele? Quem ajuda a redimir? No Bairro de S. José, houve alguém que ajudou a redimir e não esconde a sua alegria em continuar. Redimir em concreto que não em teoria. Tal como o samaritano: desceu da sua montada, curou-lhe as feridas, levou-o para uma estalagem e mandou pôr na sua conta.

Nós também vamos pagando com a paciência de cada dia. Ajuda tu, também! Paga por ti primeiro, mas não esqueças que a dívida só te será perdoada quando saldares pelos Outros. Nesta Quaresma dá de ti por quem não pode, não é capaz ou não sabe por estar trancado.

Como irás compreender, então, porque exala um perfume inebriante o jejum recomendado por Jesus!

Como acharás gratificante o silêncio da tua esmola!

Como te encontrarás feliz com o Pai e os Irmãos na vigília do Ressuscitado!

Padre João

nesta hora de regresso a África, empola num nadinha o tema, é que é esta linha de crescimento o mais novo rebento, o que agora mais polariza a atenção e monopoliza o entusiasmo. De resto, uma ou outra rubrica mais silenciada — cuja «leitura era tão salutar para todos nós leitores» — tem-no sido mais por inércia nossa, sem que tal signifique cessação de trabalhos.

A esta mensagem tão inteligentemente amiga, acompanhando dom vezes sem conta repetido, faço questão que siga neste desfile da «precisão», a presença de «diversos trabalhadores e reformados da E. D. P.», que são hoje um «pequeno resto» fiel da falange que constituíram em tempos saudosos trabalhadores de todos os níveis das Hidro-Elétricas do Douro e do Cávado.

Fiéis frequentadores deste encontro

Outros fiéis frequentadores deste encontro: A senhora das rosas. A viúva de um grande Amigo com tudo o que recebeu por morte dele, «certa de que ele gostaria que assim fosse para Obra que tanto amou». A da Casa seja louvado N. S. Jesus Cristo, com várias remessas, tal como costuma há longos anos. Os das siglas: M. L. com sua presença mensal. M. M. e «me desculpe a irregularidade das minhas prestações para a Casa da Paz, mas o amor é o mesmo, a vida é

REFLECTINDO

Precisamos uns dos outros

LOGO no despertar da nossa vocação, tudo virado para o dar — como ponteiro de bússola virado ao norte. Distribuidores dos sacramentos, dos conselhos e da Palavra... E muito mais nesta África:

«Senhor Padre, dê-me umas calças.» «Estou com febre, uma injeção.» «Irmã, leve minha mulher ao hospital, está quase...» «Dê-me leite pró bebé.» Só dar!

Insensivelmente, vai nascendo dentro de nós o bichinho do «poder». Ele cresce com o bom alimento: nós temos carro; quase sempre, uma camisa ou vestido; a infecção e o comprimido; o quilo de feijão ou a lata de leite.

Para longe de nós o fazermos da Evangelização uma empresa de dar.

Metade da ponte não passa o rio; não gera encontro... Os dois lados, sim: dar e receber. O rio fica por baixo e então podemos encontrar-nos com o irmão. Logo descobrimos que precisamos uns dos outros; e que estamos no caminho da compreensão e do amor.

Cansado, à beira do poço: «Dá-me de beber». Do fundo da sua angústia, o seu grito ao Pai: «Tenho sede!».

«Desmoralizo um indivíduo quando não espero nada dele» — diz alguém.

À mulher dos sete maridos o Senhor reconhece a capacidade de dar: «Mulher, dá-me de beber».

E se, o Senhor das fontes, se põe na atitude do que precisa e pede!

Muitas vezes me interrogo se a nossa Evangelização não seria muito mais eficiente e total se nós nos apresentássemos como pobres numa atitude de receber.

Termino este *Reflectindo* com dois pensamentos do livrinho que estou meditando:

«Podemos dar alguma coisa quando assumirmos uma atitude de quem vai receber.»

«Conseguiremos dizer alguma coisa quando começarmos a ouvir.»

Padre Telmo

que se modifica e, tantas vezes, se complica». A «Zé Ninguém» com mais «uma migalha, com muito amor que sempre tive por essa Obra que o nosso Pai Américo nos legou, e dele me lembro todos os dias nas minhas orações».

J. P. R., nas suas discretas visitas ao Lar do Porto.

Uma Mãe com parte do primeiro ordenado do filho que «está a acabar o curso de engenheiro, à noite, pois eu estou com baixa à espera da reforma, de maneira que ele teve de ir trabalhar para ajudar a casa». Um José ou uma Rosa da Rua S. Diniz — Gaia. A assinante 15026. Maria Emília, da Rua D. Manuel II. Um António Fernando, não sei de onde e «não quero receber agradecimento». Duas viúvas, no Lar do Porto, com uma centena. Diversos Anónimos e muitas

sobras de pagamentos de assinaturas.

Das Caldas de Vizela alguém que se preocupa muito com os sem-casa: «Eu nunca tive o gosto de ter uma casa minha, como tanto queria; portanto, quero ajudar outros a consegui-lo, embora seja só com uma migalhinha». Igual sentimento manifestado da R. das Pedralvas — Lisboa.

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, a remessa de Dezembro — 82.600\$00 e a de Janeiro — 31.200\$00.

E termino com outra presença que, há alguns anos já, se vem tornando habitual: das MARYKNOLL SISTERS, que, fiéis à última vontade da sua Ir. Cândida Maria, nos enviaram, esta vez, da longínqua Hong Kong, cheque de U.S.\$256.41 «para os Pobres de Portugal».

Padre Carlos



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm. fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Panófil
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239